



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

IMAGENS, MEMÓRIA E A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO PESQUISADOR

Francisco Vieira da Silva
(UESB)

Maria Regina Baracuhy Leite**
(UESB)

RESUMO

Fundamentados na Análise do discurso francesa, visamos analisar, neste artigo, a constituição do sujeito pesquisador da área de História, a partir dos discursos de professores/pesquisadores dessa área publicados numa seção da revista de História da Biblioteca Nacional, intitulada de “A História do Historiador.” Nessa medida, objetivamos compreender de que forma as “histórias” desses sujeitos agenciam a construção de imagens responsáveis pela constituição discursiva do sujeito pesquisador de História.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito pesquisador. Memória. Imagens.

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (doravante AD) pode ser concebida como uma vertente teórica consolidada no âmbito das ciências da linguagem. Contudo, não se trata de um campo homogêneo, mas, pelo contrário, congrega diferentes abordagens, métodos e objetos de análise. Isso ocorre, em parte, porque o termo

· Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI). E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com.

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). Líder do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI). E-mail: mrbaracuhy@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“discurso” é utilizado com diferentes acepções em distintas correntes teóricas, a exemplo da Linguística Textual e da Linguística Funcionalista. Além disso, o próprio campo da AD, que se constitui numa região de entremeio com outras áreas do conhecimento, comporta variadas visadas teóricas. A título de ilustração, poderíamos citar, no caso do Brasil, as leituras provenientes da *Análise Crítica do Discurso*, bem como as intersecções advindas das confluências da AD com a Psicanálise e com os estudos de M. Bakhtin. (cf. GREGOLIN, 2008).

No interior da AD, presenciamos o despontar da necessidade de articular os estudos do discurso com a Semiologia Histórica, conforme defende Courtine (2008), com vistas a recobrir os estudos das discursividades contemporâneas, cada vez mais amalgamadas pelo verbal e pelo imagético. Em linhas gerais, entendemos que esses contatos teóricos promovidos pela AD estão relacionados aos objetivos propostos por essa teoria desde a sua gênese, isto é, o interesse em investigar a produção dos sentidos a partir do funcionamento da língua(gem) no cruzamento com a História. De acordo com Gregolin (2011a), para tratar de um objeto complexo (os processos discursivos) foi necessário que a AD vinculasse a língua aos processos históricos e sociais, o que demandou a premência de ser fundar um terreno transdisciplinar de estudos, no sentido de focalizar o intradiscurso e o interdiscurso permeados pela exterioridade constitutiva da língua e da História.

Tudo isso corrobora o fato de a AD constituir-se numa zona de vizinhanças teóricas, o que a obriga a rever de forma constante as interlocuções estabelecidas e os caminhos a serem seguidos, (re)atualizando conceitos e mapeando limites num (des)contínuo devir epistemológico, evitando, assim, quaisquer tipos de sectarismos teóricos e posicionamentos ortodoxos e estanques. Vale salientar que pelo menos dois fatores concorrem para a constituição desse quadro da AD: o primeiro diz respeito à natureza instável do conhecimento científico que propugna o não-fechamento das ideias e a recusa ao dogmatismo dos saberes, já o segundo tem a ver com o período histórico hodierno, o qual se caracteriza pela



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

outras vozes, sem o quais inexistem a produção de sentidos. Para que o sujeito possa significar e significar-se ele necessita remeter-se a já-ditos, de modo que possa corroborar a relação necessária entre discurso e história, regularidade e dispersão.

No tocante ao aspecto estrutural desse artigo, convém explicitar que ele foi dividido em duas partes principais. Na primeira parte, focalizaremos alguns conceitos centrais da AD (discurso, sujeito, inter/intradiscurso, sentido, formação discursiva). Já na segunda parte, faremos a análise do *corpus*, com vistas a executar o objetivo proposto.

O conceito de discurso no âmbito da AD será tomado a partir de sua relação com a exterioridade, e será concebido como um entrecruzamento entre a estrutura e acontecimento. Dessa forma, língua da AD não é transparente, o sentido, por extensão, não está dado *a priori*, o discurso somente pode ser compreendido levando-se em consideração as condições de produção que o engendram, que demarcam o seu funcionamento e a sua utilização por sujeitos no interior de determinadas condições sócio-históricas e ideológicas.

O sentido na perspectiva da AD atrela-se à constituição do sujeito. É oportuno enfatizar que tanto o sujeito, quanto o sentido se constituem ao mesmo tempo, e que essa constituição se faz no/pelo discurso, o que nos leva a apreender que o sujeito não utiliza a linguagem só para comunicar, mas a sua condição de sujeito só é possível a partir do instante em que ele toma enuncia, a partir dos seus discursos e/ou silenciamentos. Corroborar a tese da concomitância na constituição do sujeito e do sentido significa entrever que à errância do sentido, à sua capacidade de migração, corresponde à errância do sujeito que muda de posição, que falha. (ORLANDI, 2008).

Assim, o sujeito nos domínios da AD não é dado *a priori*, mas é constituído no discurso; isso descarta uma concepção idealista de sujeito como centro, como fonte e origem do seu discurso. Nesse sentido, o sujeito encontra-se interpelado pela ideologia e pelo inconsciente. Essa interpelação ocorre por meio das



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

formações ideológicas que, por sua vez, produzem um efeito de identificação segundo o qual o sujeito é sempre já-sujeito, ou seja, o indivíduo é desde sempre interpelado em sujeito. Contudo, na constituição da função sujeito opera um mecanismo de apagamento, o que possibilita ao indivíduo achar que ele recebe como evidente o sentido daquilo que ouve, diz, lê e escreve. (PÊCHEUX, 1988).

Para explicitar a ilusão discursiva do sujeito, Pêcheux (1988) enfatiza que o sujeito cria uma realidade discursiva ilusória que pode ser explicada por meio dos esquecimentos: a) esquecimento nº 1 – em que o sujeito se coloca como a origem do que diz, a fonte exclusiva do sentido. Por esse esquecimento o sujeito rejeita, apaga, inconscientemente, qualquer elemento que remeta ao exterior discursivo, em outras palavras, o sujeito não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. (PÊCHEUX, 1988). b) esquecimento nº 2 – está no plano das enunciações e diz respeito ao fato de utilizarmos determinadas palavras e expressões em vez de outra, esquecendo-se de que há outros sentidos possíveis. Esse esquecimento produz a impressão da realidade do pensamento, como se existisse uma relação termo a termo entre o que dizemos, o que pensamos e a realidade a que nos referimos. (ORLANDI, 2006).

Ao mesmo tempo em que adentra as formações discursivas, o interdiscurso ativa uma memória discursiva diante da qual o enunciado faz/produz sentido, ou seja, “o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que as minhas palavras façam sentido, é preciso que elas já façam sentido.” (ORLANDI, 2000, p. 33). Dessa noção, emerge a ideia de que é necessário que o dito se apague na memória e seja tomado pelo sujeito como origem, a fim de produzir sentido. Além disso, é por meio da memória discursiva que se torna possível a toda FD fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. Não se tratando, pois, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe um enunciado inscrito na história. (BRANDÃO, 2004).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

De forma contígua ao conceito de interdiscurso, deve-se conceber o espectro do intradiscurso, este se define como o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, em relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois). (PÊCHEUX, 1988). O intradiscurso se encontra no fio do discurso, na horizontalidade do dizer, ao passo que o interdiscurso reside na memória discursiva, nos saberes construídos e já esquecidos; em outros termos, o interdiscurso seria o lugar em que o sujeito enunciador encontra os subsídios necessários para conferir coerência ao seu dizer, tendo em vista a articulação desses subsídios no nível da formulação, mais especificamente na materialidade discursiva.

Ao rememorar acontecimentos importantes de sua trajetória acadêmica, os sujeitos constroem imagens de si, que se corporificam discursivamente nos dizeres de tais sujeitos. Essas imagens sinalizam para a constituição discursiva de um sujeito pesquisador que passou por experiências relevantes a ponto de serem publicadas numa revista da área. Vejamos a seguir duas sequências discursivas que ilustram essas considerações:

SD01: “Esta história aconteceu quando me preparava para redigir meu projeto de doutorado e estava numa fase de levantamento de fontes, **vasculhando** arquivos em diversos estados.” (Sujeito 1, grifo nosso)

SD 02: **O acaso** continua a ser o melhor amigo do historiador. Há aproximadamente três anos, nos Países Baixos, onde fiz doutorado, tive a sorte de adquirir, numa biblioteca universitária que encerrou suas atividades, um exemplar do livro *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola 1602-1686* [Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola] [...] Fiquei **feliz** com a aquisição de uma obra, podemos dizer, rara. (Sujeito 2, grifos nossos)

É possível entrever, a partir das sequências discursivas acima explicitadas, que os sujeitos pesquisadores constroem imagens sobre si as quais podem ser caracterizadas como sendo de pesquisadores empenhados na construção do saber



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

científico, numa busca incessante pela elaboração dos seus objetos de estudo, fazendo com que aqueles “vasculhem” arquivos, e procurem por obras raras. No primeiro excerto, o sujeito conta uma experiência significativa no momento em que se preparava para a escritura do seu projeto de doutorado, o que o autoriza a engajar-se na ordem discursiva do universo acadêmico. Assim, emerge a imagem de um sujeito que não concebe seu objeto de estudo sem antes fazer um minucioso levantamento das fontes existentes, que poderão dar subsídios necessários à realização da pesquisa. Tendo em vista que toda pesquisa científica, conforme se propugna nos diversos manuais de metodologia científica, precisa cumprir uma série de etapas para a consecução, o Sujeito 1 identifica-se com essa imagem, tomando-a para si. O Sujeito 2, por seu turno, atribui ao acaso o fato de encontrar um livro raro no exterior, mas, por outro lado, ele não deixa de conceber um espectro de pesquisador interessado em encontrar material bibliográfico para sua pesquisa, denotando, inclusive, uma relação afetiva (“fiquei feliz”) com o seu achado.

Nas sequências discursivas abaixo elencadas, os sujeitos pesquisadores inscrevem-se discursivamente como profissionais que conquistaram êxito em suas pesquisas, graças ao espírito de “caçador” e à avidez com que tratavam os seus objetos de estudo:

SD 03: “Sim, eu tinha encontrado o que buscava: os inventários e testamentos do século XVIII! Originalmente estavam no arquivo do fórum de Laguna, até que fossem transferidos para o museu, onde ficavam, durante anos, inacessíveis aos pesquisadores, debaixo de uma lona, com a intenção de preservá-los da ação do tempo. Para minha sorte, fui talvez o primeiro pesquisador a poder manuseá-los em cerca de meio século! Estava garantida a pesquisa: pude terminar meu projeto e cursar com **sucesso** meu doutorado, no qual um dos capítulos da tese se debruçou sobre tais fontes.” (Sujeito 1, grifo nosso)

SD 04: Finalmente, em 16 de setembro desembarcamos em Maputo, aliviados e com um sorriso no rosto. Começava ali a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

minha imersão no cotidiano do país e nos estudos africanos. E foi assim que por completo acaso, como na canção de Moraes Moreira, “nesse tique, nesse taque, nesse toque, nesse pique. Assim pintou em Moçambique.” (Sujeito 2).

Na sequência discursiva 3, o sujeito relata a sua euforia ao encontrar fontes relevantes para sua pesquisa – inventários e testamentos da região de Laguna, em Santa Catarina, de meados do século XVIII – para, com isso, produzir a imagem de um pesquisador privilegiado, pelo fato de estudar documentos ainda não explorados. Tais fontes são as responsáveis pelo êxito da pesquisa, de modo a assinalar a imagem de um sujeito pesquisador que teve a sorte de estar no lugar certo, no momento adequado. Em ambas as sequências, os sujeitos, ao narrarem suas experiências, atribuem os seus êxitos ao destino, ao acaso, como se eles não tivessem se esforçado a ponto de consegui-los, o que parece ser paradoxal. Essa constatação corrobora o fato de os sujeitos não controlarem os sentidos que emergem dos seus discursos, por mais que eles acreditem estar na origem dos seus dizeres (PÊCHEUX, 1988). Assim, à medida que os sujeitos tentam controlar os seus dizeres, eles malogram, uma vez que os sentidos esvaem-se, deslizam-se na superfície discursiva.

Essa breve análise sobre os dizeres dos sujeitos que (ins)escrevem na “História do Historiador” permitiu-nos perceber que tais sujeitos tecem seus discursos a partir da memória de episódios significativos de suas vivências em torno da pesquisa científica. Esta memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são (re)construídas, simuladas no interior de um grupo. (FONSECA-SILVA, 2007). Dessa maneira, dissertar sobre experiências individuais no fazer do pesquisador redundaria em considerar os aspectos que o caracterizam socialmente. As lembranças desses sujeitos estão revestidas por referências ao social, aos significados de uma pesquisa bem-sucedida e estas vêm à tona na natureza opaca da língua(gem).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

Neste artigo, o foco analítico incidiu sobre os discursos de pesquisadores da área de História, com vistas a investigar a constituição do sujeito pesquisador, a partir dos dizeres presentes numa seção intitulada “História do Historiador” na Revista de História da Biblioteca Nacional.

A análise possibilitou-nos entrever que as imagens são construídas discursivamente e os sujeitos, ao relembrem fatos proeminentes de suas vidas acadêmicas, trazem à tona imagens relativas a um pesquisador engajado na construção do seu objeto de estudo, sendo essa a condição indispensável para o êxito na realização pesquisa. Por outro lado, esses sujeitos consideram que o sucesso na pesquisa advém de um modo imprevisível, de acontecimentos marcantes que ocorrem ao acaso, o que contrasta com a imagem de pesquisador empenhado que se desvela nos discursos analisados. Dessa maneira, as imagens evidenciadas divergem entre si, já que sob a aparente linearidade do discurso, vozes se opõem, assinalando, pois, a heterogeneidade inerente a toda produção discursiva.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.
- COURTINE, J.J. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FONSECA-SILVA, M. C. Mídia e lugares de memória. In: _____.; POSSENTI, S. (Orgs.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

GREGOLIN, M. R. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentidos: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João editores, 2007.

_____. J. J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008.

_____. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011a.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: TFOUNI, L.V.; MONTE-SERRAT, D. M.; CHIARETTI, P. (Orgs.). **A Análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011b.

MILANEZ, N. O nó discursivo entre corpo e imagem: intericonicidade, brasilidade. In: TFOUNI, L.V.; MONTE-SERRAT, D. M.; CHIARETTI, P. (Orgs.). **A Análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011b.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Introdução às ciências da linguagem** - discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes: 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. Análise automática do discurso (AAD 69). In: GADET, F.; HALK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. **A história do historiador**. Rio de Janeiro, SABIN, ano 7, nº 83, ago. 2012.

_____. **A história do historiador**. Rio de Janeiro, SABIN, ano 7, nº 84, set. 2012.

_____. **A história do historiador**. Rio de Janeiro, SABIN, ano 8, nº 86, nov. 2012.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SCHERER, A. E. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M.R. (Orgs.). **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008.